

## Medéia e Mélissa: realidade e idealização do feminino no imaginário ateniense do século V a. C.

FARIA, Keila Maria de<sup>1</sup>  
GONÇALVES, Ana Teresa M<sup>2</sup>  
Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia - UFG  
[fmkeila@bol.com.br](mailto:fmkeila@bol.com.br)  
[anteresa@terra.com.br](mailto:anteresa@terra.com.br)

**Palavras-chaves:** mito, feminino, *Mélissa*, transgressão.

O nosso objetivo principal nesta pesquisa é realizar uma reflexão sobre a esposa ideal do cidadão ateniense, a *mélissa*, construída pelo imaginário misógino dos gregos, tendo como recorte espaço – temporal a *pólis* ateniense do século V a.C, esta análise baseia-se em duas mulheres: Medéia, e *Mélissa*, que nos fornecem modelo e contra-modelo para pensar o universo da esposa "bem-nascida" em Atenas, ou seja, das *melissai* e refletir sobre o papel da *giné* na *pólis*. O presente estudo se estrutura a partir do imaginário masculino sobre a mulher, pois nesse período inexistia um discurso sobre o feminino construído pela mulher, a retratação de seu cotidiano, suas ideologias, enfim, o seu imaginário não era uma construção própria, mas a elaboração do imaginário e do discurso masculino sobre a mulher. A mulher ateniense era considerada "não cidadã", não sendo permitido à mesma a participação política, a mulher não possuía direitos jurídicos, sendo considerada uma eterna menor a *giné* necessitava ser representada por um homem, o seu tutor, o *kyrios* (Lessa, 2001, p.60). Os papéis femininos, suas representações, o mundo das *gynaikes* era uma construção da "tribo dos homens" - *phûl anthrópon* (Andrade, 2001, p.41). Tendo em vista, que nossa fonte principal é uma obra trágica que se destacou na teatrologia clássica, faremos também um breve estudo sobre o teatro grego: suas origens e o papel deste na sociedade *políade*.

Selecionamos para esta pesquisa três fontes: *Medéia*, uma tragédia de Eurípedes, a obra *Oikonomikós* de Xenofonte e o *Iambos* de Semônides de Amorgos, sendo a primeira obra nosso documento principal, e as demais fontes secundárias. Após o estudo das fontes e de ampla bibliografia sobre o tema proposto pretendemos realizar um estudo dedutivo do feminino idealizado em Atenas no século V a.C.

Medéia é a personagem homônima de uma das dezoito tragédias euripídiana que foram conservadas. A *Medéia* de Eurípedes é uma compilação de vários mitos gregos que se correlacionam, como *Frixo*, *Jáson e os Argonautas*, *As filhas de Pélias*, sendo *Medéia* o corolário final dos outros mitos.

Medéia é descrita na tradição mítica como neta do deus Hélio (o Sol), tendo como pai Aietes, rei da Cólquida. Seus irmãos são: Calcíope e Faetonte ou Apsirto, seu meio irmão. Em sua genealogia materna não há um consenso entre os mitógrafos sobre quem seria sua mãe. Alguns apontam a titã Ídia, outros Neera, há os que creditam a sua maternidade a Asteróidea e há ainda aqueles que consideram-na filha da deusa Hécate. Na genealogia de Medéia aparece também uma poderosa feiticeira: Circe, a famosa feiticeira da *Odisséia* (RINNE, 1988, p.21).

A *Medéia* de Eurípedes perde a imortalidade do mito tessálico, que a apresenta como deusa detentora do poder do rejuvenescimento e da cura. A *Medéia*

euripidiana é uma mortal detentora de poderosos conhecimentos mágicos possuída por uma ira desmedida – *aphrosyné*, em razão da traição de Jáson com o qual se casara há dez anos. A tragédia *Medéia* narra a história do amor trágico de Jáson e Medéia. Em nome deste amor a protagonista comete diversos crimes: trai o seu pai, mata seu meio irmão durante a fuga com seu amado, assassina Pélias, o usurpador do trono de Iolco, que por direito pertencia ao seu marido, mata também o rei de Corinto e sua filha Creusa que era sua rival, pois, Jáson a abandonara para casar-se com a princesa coríntia. E no auge de sua *hybris*, assassina os próprios filhos com um punhal para atingir o marido em função da traição que o mesmo lhe fizera.

A *mélissa* constitui no imaginário coletivo dos gregos, o tipo ideal de mulher, a mulher-abelha era a esposa "bem-nascida" do cidadão ateniense. A construção desse modelo resultou da analogia entre a mulher e diversos animais (a égua, a doninha, a macaca, a cadela, a mula, a raposa, a porca e a abelha), feita pelo poeta grego Semônides de Amorgos em seu poema *Iambos* (Lessa, 2001, p. 58), no período arcaico. Xenofonte em sua obra *Econômico* na época clássica, acrescentou outra característica à mulher – abelha, que é a capacidade de ordenar, no sentido organizacional e a habilidade de delegar ordens aos servos.

A *mélissa*, termo derivado de *méli* (mel) alimento produzido pelas abelhas, originou a designação mulher-abelha, e esta constitui de acordo com o esquema representativo de Semônides o único tipo de feminino aprazível. Segundo este autor a *mélissa* é dentro da espécie feminina o reverso de todos os males atribuídos à mulher. A mulher-abelha é o oposto das demais representações femininas, constituindo a única tribo de mulheres que não merece censura e cuja coabitação é agradável. Dentre as virtudes características da *mélissa* estão: o comedimento, a castidade, a discrição, a submissão, a procriação, o silêncio, a habilidade para administrar o *oikos* e a reclusão, limitando sua participação somente à convivência pacífica e "passiva" no interior do *oikos* ante a autoridade masculina (LESSA, 2001, p. 60).

As funções da esposa "bem-nascida" são: a procriação, a tecelagem, a fiação, a criação das crianças, a supervisão dos escravos, o cuidado com as provisões alimentares, o controle dos estoques agrícolas, a administração dos trabalhos domésticos. Sendo a tecelagem a arte feminina por excelência que lhe fora ensinada pela deusa Atena.

O desenvolvimento deste trabalho é de fundamental importância para uma melhor compreensão do universo feminino e do papel da mulher dentro da *pólis* ateniense e para compreendermos adequadamente as relações sociais em vigor na sociedade em questão. Desta forma, concluímos após análise dos modelos, que ambas as mulheres constituem no imaginário ateniense tipos de femininos opostos, sendo a *Mélissa* idealizada e Medéia a transgressão desta idealização em função das características apresentadas pela heroína: bárbara (estrangeira), conhecedora da magia, mãe sanguinária e infanticida.

Embora Medéia constitua um contra-modelo do feminino idealizado, a mesma foi utilizada pelo autor da tragédia exatamente para reforçar o feminino idealizado, pois como o teatro expressa as vivências da sociedade, o poeta procurou através de sua peça dizer aos expectadores que observassem a personagem e fizessem o oposto daquilo que ela fizera. Ou seja, as mulheres deveria ser boas mães, submissas ao seu marido e aceitar resignadas a sua posição de não "cidadã".

Entretanto, o modelo idealizado também não retratava a realidade do feminino existente na *pólis*. A *mélissa*, configurava-se muito mais como uma projeção do perfeito perfil feminino, construído pelo imaginário masculino ateniense, do que a

imagem da mulher real presente na cidade de Atenas. A presença de esposas “bem-nascidas” no âmbito externo, comprovada pelos estudos da iconografia grega (Cf. LESSA, 2001; LISSARRAGUE, 1990), representa a ruptura de um dos traços identificadores do modelo idealizado, que era a reclusão no interior no *oikos*. Outro traço dessa ruptura é a presença constante de mulheres nos cultos oficiais da cidade e a importância das mesmas na transmissão da cidadania. Essa última característica ruptora presente no modelo méliissa indica uma forma de participação política das mulheres na *pólis* ateniense. Todavia essa participação ocorria de forma indireta, e Zaidman (1990, p.411) denomina de “cidadania cultural” essa forte participação e integração da mulheres na esfera religiosa.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **DOCUMENTOS TEXTUAIS**

APOLODORO. **Biblioteca**. Trad. Margarita Rodrigues de Sepúlveda. Madrid: Gredos, 1985.

EURÍPEDES. **Medéia; Hipólito; As Troianas**. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

SEMÔNIDES de Amorgos; MIMNERMO. **Iambos**. Trad. Jacinto Lins Brandão. In: **Ensaio de literatura e filologia**. Belo Horizonte: UFMG, 1983. p.211-227.

XENOFONTE. **Econômico**. Trad. Anna Lia A. de Almeida. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

### **OBRAS GERAIS**

ANDRADE, Marta Mega de. **A “Cidade das Mulheres”: cidadania e alteridade feminina na Atenas clássica**. Rio de Janeiro: LHIA, 2001.

LESSA, Fábio de Souza. **Mulheres de Atenas: Méliissa do gineceu à ágora**. Rio de Janeiro: LHIA, 2001.

LISSARRAGUE, François. A figuração das mulheres. In DUBY, Georg; PERROT, Michelle (org). **A história das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, 1990. p.204-269.

MOREAU, Alain. **Le mythe de Jason et Médée**. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

MOSSÉ, Claude. **O cidadão na Grécia Antiga**. Lisboa: Setenta, 1999.

RINNE, Olga. **O direito a ira e ao ciúme**. São Paulo: Cultrix, 1988.

ROMILLY, Jacqueline de. **A tragédia grega**. Lisboa: Setenta, 1997.

ZAIDMAN, Louise Bruit. As filhas de Pandora mulheres e ritual. In DUBY, Georg; PERROT, Michelle (org). **A história das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, 1990. p.412-462.

Orgão financiador da pesquisa - **CNPq**

---

<sup>1</sup> Bolsista do CNPq de pós graduação - mestrado em História.

<sup>2</sup> Orientadora/Doutora da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia - Departamento de História.